**TEXTO POLÍTICAS PÚBLICAS, LEGISLAÇÃO E EDUCAÇÃO FLORESTAL
“Conjuntura e Utopias: o meu papel nesse cenário” e “Eu e a Política Florestal”**

Prof. Marcos Sorrentino
Karoline Silva
Nº USP: 8968449

Desde os primeiros registros históricos humanos, o homem e seus ancestrais fazem uso dos recursos naturais que o planeta terra lhes oferece, ele o faz porque necessita sobreviver e garantir a sobrevivência de sua prole. Ao pensarmos acerca do uso dos recursos oferecidos pelas diferentes geografias que nossos ancestrais habitavam isso nos remete a imagem de necessidade e consumo de um “bom selvagem”, conceito criado por [Jean-Jacques Rousseau](http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u420.jhtm) (1712-1778) que acreditava na pureza do indivíduo humano, suas necessidades, bem como temores e meios de ação. Sendo assim, o homem primitivo em convivência com a natureza, estaria em harmonia com a mesma. Tal ideal tem como afirmar a liberdade individual e coletiva e que, devido essa relação reciprocamente harmoniosa, viabiliza a conservação dos recursos naturais.

Esta ideologia, sem ser enxergue por um viés crítico, é um mito que até hoje ecoa, é sustentado por diversos conceitos e arquétipos sociais pelos quais se justificam erros através de ideologias exploratórias, as quais operam dentro de uma cadeia que abrange os recursos minerais, vegetais, animais, bem como próprio ser humano e sua relação e interferência no meio natural, além das próprias interações humanas dentro da sociedade, o convívio e partilha social de bens e recursos.

Devido a este equivocado equilíbrio natural proposto, cria-se a visão de que os problemas ambientais surgem a partir do período de Revolução Industrial, no qual as fábricas ganham o lugar das florestas e campos, e multiplica-se a necessidade de recursos naturais, sejam eles renováveis ou não, para a confecção em massa de novos produtos, a fim de sustentar mercados que começam a crescer e se expandir globalmente. Para além disso, a notável crise ambiental somente ganha destaque no período pós-guerra no século XX, principalmente com o processo de globalização e avanços tecnológicos, os quais requerem ainda mais matérias-primas. Portanto as discussões ambientais criteriosas, a nível político, econômico e social, só começam a afetar as populações a partir deste momento, pois até então se perdura a ideia de que o homem ancestral vivia em equilíbrio com a natureza, sendo a sociedade moderna o ator a corromper o homem ao mau uso dos recursos.

Todavia, tendo em vista os aspectos históricos da humanidade ao longo de sua evolução, pode-se refutar rapidamente esta visão, uma vez que problemas como o mau uso e poluição de recursos naturais já foram relatados antes da Revolução Industrial, quando na recente evolução dos meios de produção para a manufatura foi registrado o risco de beber a água do rio Tâmisa, localizado no Reino Unido, devido à poluição gerada pelos curtumes em suas margens e pela grande quantidade de esgoto despejada nele, constando incidentes como epidemia de cólera.

E indo um pouco mais profundo ao passado, é possível citar outros diversos exemplos de comunidades humanas fazendo uso irracional dos recursos, como é o caso dos próprios indígenas, os quais representavam e, em certa medida, ainda representam a clássica figura do “bom selvagem” de Rousseau. Quando, na verdade, observa-se que estes não necessariamente mantinham uma relação harmoniosa com a terra, uma vez que quase a totalidade das terras brasileiras já foram queimadas e reviradas por diversas comunidades indígenas, que faziam agricultura de queima, ou seja, ao escolher uma área para se fixar e produzir, estes queimavam toda a cobertura vegetal para começar os plantios e depois que o solo já se encontrava esgotado, eles abandonavam a região e partiam em busca de novas, repetindo o mesmo processo.

Outro exemplo que refuta a ideia do equilíbrio natural perfeito entre o homem ancestral e a natureza são as extinções pré-históricas, antes mesmo de o homem evoluir em *Homo sapiens sapiens*. Muito dos grandes mamíferos que caminharam pela Terra há milhares de anos atrás tiveram seu fim como espécie por causa da colonização de seus territórios pela espécie humana. Boa parte provocada por excessivas caças em um mesmo local, o que diminuía as populações a poucos indivíduos, que perdiam a capacidade de continuar se reproduzindo e perpetuando suas espécies, como foi o caso das grandes aves Moas, que habitavam a Nova Zelândia no período Pleistoceno. Estas aves encontraram como adversário uma tribo polinésia, os Maoris, os primeiros a colonizarem a ilha, os quais rapidamente conseguiram consumir mais de 90% dos Maos existentes na ilha, levando assim estes grandes animais a extinção.

Como disse Henry Thoreau por volta de 1846:

“Eu procuro familiaridade com a Natureza – conhecer seus estados de espírito e maneiras de ser. A natureza primitiva é a mais interessante para mim. Eu faço imensos sacrifícios para conhecer todos os fenômenos da primavera, por exemplo, pensando que eu tenho aqui o poema inteiro, e então, para meu desapontamento, eu ouço que é apenas uma cópia imperfeita a que eu possuo e li, que meus ancestrais rasgaram muitas das primeiras folhas e passagens mais grandiosas, e mutilaram-na em muitos lugares. Eu não gostaria de pensar que algum semideus tivesse vindo antes de mim e escolhido para si algumas das melhores estrelas. Eu quero conhecer um paraíso inteiro e uma Terra inteira. Todas as grandes árvores e animais selvagens, peixes e aves se foram. ”

A ideia aqui apresentada não é duvidar ou negar a essência de bondade humana, principalmente se tratando da conservação e preservação da natureza dita como divina. Mesmo porque, seria até, de certa forma, injusto julgar populações, tradições, ritos e pensamentos tão antigos quando já se tem à disposição toda a tecnologia que diagnóstica e monitora as florestas, rios, fauna e flora dos países e seus respectivos biomas. Mas sim, explicitar a quão errônea é a visão de que os problemas ambientais aparecem junto com o período de Revolução Industrial, de quando o ser humano se distância do mito do “bom selvagem”.

Pois bem, dando um salto ao passado mais recente e ao presente, mediante tais características observadas e analisadas pode-se afirmar que, a explosiva expansão populacional e subsequente das instituições econômicas da humanidade nos últimos séculos transformou o modo de consumo e de viver insustentáveis, tanto socialmente quanto, principalmente, ecologicamente. Com tal desenvolvimento predatório temos um efeito na paisagem geográfica, o que, antes eram grandes áreas contínuas de florestas, agora são paisagens que contem partes ainda conservadas de sua forma natural em mosaico, formadas por manchas remanescentes das florestas originais cercadas por áreas alteradas pelo homem de várias formas: plantações, pastagens e assentamentos urbanos. Um bom exemplo deste tipo de paisagem é uma viajem em uma autoestrada no sul ou sudeste do Brasil, onde se enxerga vastidões de áreas cultivadas e fragmentos espalhados de mata nativa.

Esse processo de mudança na paisagem geográfica, que chamamos de fragmentação florestal, vem se intensificando dia após dia e acelerou-se imensamente no século XX. O resultado observado nos dias de hoje é, na maioria das regiões do mundo, pobres e ricas, temperadas e tropicais, as florestas originais sendo reduzidas a uma grande coleção de “ilhas” de mata, cada vez menores; mais isoladas e cercadas por áreas abertas. Isso se torna ainda mais preocupante uma vez que a fragmentação florestal tem se acelerado muito nas últimas décadas nas grandes áreas de florestas tropicais ainda remanescentes pelo mundo, na Amazônia, no oeste da África e no sudeste da Ásia. Se continuarem presentes as atuais taxas de desmatamento, em poucas décadas essas áreas terão paisagens bem similares à trágica situação que hoje já observamos como resultado final desta forma de predação do meio na Mata Atlântica, onde tínhamos um maciço contínuo de florestas, estamos agora gerindo, um arquipélago de pequenas ilhas de mata e toda biodiversidade contida nela.

Portanto, atualmente encontramos um poema quase vazio, imperfeito, o qual vem sendo fragmentado e rasgado constantemente a milhares de anos de diferentes formas por muitos indivíduos, e apenas poucos preocupados em tentar resgatar, recuperar, conservar e restituir as belas linhas do poema que foi nos dado de bom grado.

Com tais problemáticas observadas surgem diversas dúvidas; Quão bem os animais e as plantas são capazes de se adaptar a essa situação radicalmente nova¿ Quais são as consequências disso para a conservação das espécies¿ E quais novas variáveis deve-se inserir no atual sistema de produção visando uma relação mais harmoniosa com o meio¿

Responder estas perguntas, ou seja, entender as consequências da fragmentação florestal, hoje é com justiça uma das maiores prioridades da biologia da conservação e das políticas públicas, uma vez que se observa uma urgência expressa por números de desmatamento cada vez maiores.

No intento político-social brasileiro, o primeiro a se preocupar com uma lei que vigorasse sobre o manejo de áreas de grande importância ecológica foi o presidente Getúlio Vargas ao sancionar o Decreto Federal 23793/34, o qual se institui o Código Florestal Brasileiro. Neste decreto temos o Artigo primeiro; “As florestas existentes no território nacional, consideradas em conjuncto, constituem bem de interesse comum a todos os habitantes do pais, exercendo-se os direitos de propriedade com as limitações que as leis em geral, e especialmente este código, estabelecem. ” Esta foi a primeira medida de lei imposta sobre o território nacional visando a preservação de sua flora e subsequentemente fauna.

Na época, as áreas cultivadas se comportavam da seguinte maneira, até 1850 todas as áreas agrícolas eram públicas, a partir desta data a maioria das áreas agrícolas eram públicas, porém já se observava um aumento no número de áreas privadas sendo tais números representativos a partir de 1934, com o aumento da proporção de áreas agrícolas privadas. Ou seja, historicamente, temos uma tardia passagem de terras públicas para o interesse produtivo privado.

Mesmo com tal interesse político na regulação ao analisarmos o histórico de mudanças podemos observar uma “frouxidão” intrínseca à sua criação, pela influência por quem ela estava sendo criada, bem como poucos dados e estudos precisos para assegurar uma norma efetiva.

        Ao longo da história política do Brasil, percebe-se a repetição deste padrão para a criação das novas Leis que dizem respeito sobre os recursos naturais de nosso país. Estas sempre tendenciosas a atender as demandas e privilégios de um grupo pequeno da sociedade, a fim de garantir o direito de poucos sobre a propriedade e posse de muitas extensões de terra e de bens naturais para suprir um sistema de produção cada vez mais desgastante para o meio, o qual é pensado em cima de insumos, ou seja, sempre a necessidade de colocar mais recursos externos a produção para atingir um padrão de qualidade ótimo. Enquanto, nas florestas estruturadas ou sistemas de produções alternativos encontra-se um manejo de processos, o qual não se torna necessário a constante aplicação de insumos externos, pois todo o recurso pode e deve ser manejado com o que já se tem no local, a fim de manter a regeneração e também atingir uma produção ótima, porém utilizando de outros caminhos, menos agressivos e mais recíprocos ao meio ambiente.

        Até aqui, foi exposto um pouco do cenário e da trajetória que se encontra acerca do poema perfeito da Natureza. Pois bem, partimos a tentativa de entender e explorar alternativas para desacelerar, frear e reverter estes processos de destruição e fragmentação latentes nas sociedades humanas para com o meio natural. E é neste ponto que se insere fortemente as políticas florestais, a educação ambiental e o manejo das florestais de forma alternativa à convencional, como por exemplo a silvicultura de espécies nativas. Entretanto, como qualquer boa política e educação acadêmica, temos dois lados para o mesmo conceito, que visam atender as ideologias e objetivos de esferas diferentes da sociedade. Não que estes sejam excludentes, ou não deveriam, porém, tendo em vista a mentalidade do senso comum e a dualidade política, econômica e social a qual estamos inseridos, estas tendem a seguir o padrão, ou favorece um lado ou favorece o outro. Todavia, ao olhar com uma visão mais crítica e abrangente, a dualidade se dissolve em meio a necessidade maior de proteção e restituição dos recursos, a fim de garantir o bem coletivo das gerações presentes e especialmente das futuras.

A partir da virada do século XXI, a crise ambiental ao se tornar mais preocupante a nível mundial, faz com que comece a surgir maiores e melhores políticas de conservação e principalmente de monitoramento e fiscalização dos recursos por partes dos órgãos governamentais reguladores, o que é um avanço visto o contexto de descaso e ilusão apresentado. Como por exemplo, as novas tecnologias de imagens em satélites que permitem monitorar grandes áreas de florestas nativas sem sair do lugar, ou até mesmo os novos cadastros exigidos a produtores rurais e proprietários de terras - cita-se o mais recente Cadastro Ambiental Rural (CAR), os quais permitem uma maior noção da situação das áreas privadas, além de assegurar as demandas de recomposição propostas na mais recente Lei de Proteção à Vegetação Nativa, Lei Federal nº 12.651 de 2012, que vem como substituição ao Código Florestal de 1965.

Pois bem, voltando a educação ambiental e ao manejo de fato sustentável, especialmente das espécies nativas, estes entram no cenário de fragmentação florestal talvez como resposta e solução tanto aos problemas ambientais vigentes quanto aos empecilhos sociais, principalmente do meio rural e florestal.

Infelizmente, este processo também apresenta seus desafios, por exemplo como o alto investimento inicial necessário para projetos de reflorestamento, o que grande parte dos produtores rurais não possui para investir. Além de o retorno ser um pouco mais demorado do que a produção convencional, menos imediato, como é o caso das culturas anuais, pois aliás estamos falando de espécies arbóreas, que requerem tempo para se formar e ter seus belos frutos. Porém, é exatamente por isso que se reafirma a necessidade de mais políticas públicas que assegurem o acontecimento de projetos de reflorestamento, que apoiem e suportem a conservação e silvicultura de espécies nativas, bem como melhores estudos e capacitação de profissionais voltados para áreas de conservação e restauração.

Em paralelo, é importante ressaltarmos também a necessidade de mudança de mentalidade e comportamento do senso comum. Já estamos distantes do mito do “bom selvagem” de Rousseau ou do poema perfeito descrito por Thoreau, mas nada nos impede de tentarmos recuperar algumas páginas desta obra rasgada. Porém, para isso também se figura como extrema necessidade melhores políticas e principalmente educação e conscientização da massa, pois como já dizia Émile Zola em seu livro Germinal, a revolução germinará como uma semente, da terra, dos mais oprimidos e menos privilegiados. E no momento que nos encontramos, a revolução se caracterizará como uma verdadeira Revolução Verde, mas desta vez voltada para a conservação e recuperação dos recursos naturais e humanos, não mais voltada para a conservação e acúmulo de capital por partes de poucos.

*“O povo, por ele próprio, quer sempre o bem, mas por ele próprio, nem sempre o conhece. ”*

 [*(Jean-Jacques Rousseau*](http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u420.jhtm)*)*

*UTOPIA¿*

*Estamos imersos em um limbo de redenção
Cada um esperando a dita cuja salvação
Que não virá
Se ira
Não acabar*

*Entre o céu e o inferno
A terra é um purgatório
Raça humana cultuando hábito predatório
Julgam qualquer oratória
Poluem o ar com suas máquinas
Toda essa tecnologia, orgia da burguesia
Crime pra periferia
Manipulados, todos sonham com essas porcarias
Sustenta a desigualdade social
Constrói uma sociedade hierárquica
Caracteriza quem é o marginal
Mas na real, aqui pra nós
O menino na biqueira é menos perigoso que o seu doutor
Tá faltando educador
Na favela
Tá faltando respeito
Para ela*

*Desde nosso nascimento, ditam uma falsa sabedoria
Conhecimento tradicional¿ Balela
Todo dia passa na goela
Os venenos que jogam na terra*

*Mas boto fé que estamos a entrar numa nova era
Minha utopia, lhe digo
Escrever uma nova história
E por isso eu sigo
A fim de caminhar na trajetória
Espiritual e de consciência
Buscando a vida por essência
Esqueça a técnica da ciência
Rompa com a moral e os bons costumes
Que estão ai para produzir cardumes
De mentes não pensantes
Isoladas em sua alienação, distantes.
Preste atenção!
Te colocaram no circo e nem te deram o pão.
A vida é mais que vaidade, é tesão
É mais do que terror, é puro amor
Não deixem que te façam mais um robô
O avesso do espelho é você
Feche os olhos e vê
Se conecte, desperte!
Acredite!
Tem uns menino bom
Que faz um som
Manda a letra da pesada
Que vem lá da quebrada
As mina tudo empoderada
Que sai na rua armada de confiança
E ainda estampa o sorriso de criança
Machistas não passarão
A molecada tá fazendo ocupação
Vieram pra fazer acontecer
É mais do que se entreter
Boto fé e não arredo o pé
Que daqui a pouco jaz
Este sistema insustentável que não se aguenta mais
Já estamos embarcados no trem, meu bem
No ápice da montanha russa
Então se liga que a queda vai ser brusca
E saiba, nada morre pra algo não nascer
Estamos a florescer!
Em sinergia, caminhar em sintonia
Com todo ser que te rodeia e engradece o seu dia
Sorria! Não só com lábios e dentes
Mas até com o fígado e a mente!*

*Karoline Silva*